

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

**INTERSECCIONALIDADE E A MÚSICA: MINHA VOZ COMO RESISTÊNCIA**  
**PRESTA TRIBUTOS A ELZA SOARES**

**NITERÓI**  
**2018**

**ANDRESSA DE MENEZES MANDARINO**

**INTERSECCIONALIDADE E A MÚSICA: MINHA VOZ COMO RESISTÊNCIA  
PRESTA TRIBUTOS A ELZA SOARES**

Proposição projetual de conclusão de curso apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do Grau de Bacharela

Orientação: Luiz Carlos Mendonça

**NITERÓI**

**2018**

**ANDRESSA DE MENEZES MANDARINO**

**INTERSECCIONALIDADE E A MÚSICA: MINHA VOZ COMO RESISTÊNCIA  
PRESTA TRIBUTOS A ELZA SOARES**

Niterói, 2 de agosto de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Luiz Carlos Mendonça - Orientador  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Janaina Santos Dias  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Neide Aparecida Marinho  
Universidade Federal Fluminense

**NITERÓI**

**2018**

Ficha catalográfica automática – SDC/BCG

M271i      Mandarino, Andressa de Menezes  
                 Interseccionalidade e a música: Minha voz como resistência presta tributo a Elza Soares / Andressa de Menezes Mandarino ; Luiz Carlos Mendonça, orientador ; Neide Aparecida Marinho, coorientadora. Niterói, 2018.  
                 46 f. : il.

                 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2018.

                 1. Feminismo. 2. Feminismo; aspectos históricos. 3. Produção Intelectual. I. Título II. Mendonça, Luiz Carlos, orientador. III. Marinho, Neide Aparecida, coorientadora. IV. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. Departamento de Arte.

                 CDD -


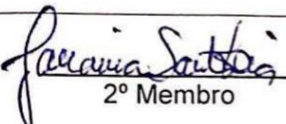
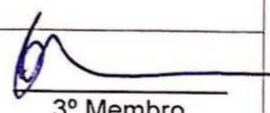
Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán – CRB7/2318



**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: <b>ANDRESSA DE MENEZES MANDARINO</b>	Matricula: 211 33 094
Título do Trabalho: <b>"Interseccionalidade e a música: Minha voz como resistência presta tributo a Elza Soares."</b>	
Orientador(a): <b>Me. Luiz Carlos Mendonça</b>	
Categoria: <b>Monográfica</b>	Data da Apresentação: <b>02/08/2018</b>

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): <b>Me. Luiz Carlos Mendonça</b>
2º Membro: <b>Me. Janaina Santos Dias</b>
3º Membro: <b>Drª. Neide Aparecida Marinho</b>

AVALIAÇÃO:
Análise / Comentário <i>O trabalho apresenta uma alta qualidade na escrita e na conexão com os autores trabalhados. O projeto de altíssima qualidade e validade. A aluna demonstra maturidade ao abordar o tema e referências bibliográficas.</i>
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):
ASSINATURAS    1º Membro (Presidente)      2º Membro      3º Membro

## DEDICATÓRIA

À minha mãe Andréa e à minha avó Josélia, por toda força, amor e apoio para que eu não desistisse e chegasse até aqui. Em memória da minha avó Terezinha, por sua representatividade e importância na minha história.

## **AGRADECIMENTO**

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ter me dado forças e condições para chegar até aqui, à minha mãe por lutar e viver pelos meus sonhos como se fossem os seus próprios, meus avós por sempre apostarem em todas as minhas ideias, aos meus familiares pelo suporte e conselhos.

Agradeço à Elza Soares, por sua história de vida única, que tanto inspira e motiva mulheres de diferentes gerações a persistirem em suas carreiras e sonhos, resistindo e lutando.

Agradeço aos meus amigos e amigas da UFF por toda ajuda indispensável durante os últimos anos, e por tudo que vivemos e aprendemos juntos.

Agradeço ao meu orientador Luiz Mendonça por seu incentivo e paciência desde os primeiros momentos do curso, assim como às professoras Neide e Janaína pela confiança e contribuição. Gostaria também de agradecer à Universidade Federal Fluminense, ao corpo docente, à administração e demais funcionários pelo ótimo ambiente proporcionado.

## **RESUMO**

O presente trabalho de conclusão de curso é uma proposição projetual de um espetáculo musical a ser executado na Fundação Progresso, intitulado 'Andressa Mandarino - um canto de resistência', que homenageia a cantora Elza Soares, além de outras referências da música negra nacionais e internacionais. Para tal projeto esta pesquisa se debruçou em analisar a trajetória artística e a vida pessoal da cantora, bem como as questões que a atravessaram, a partir de uma perspectiva interseccional, levando em consideração seus marcadores sociais de gênero, de raça e de classe, tendo como principais referenciais teóricos as contribuições de Angela Davis e Sueli Carneiro sobre esse tema.

Palavras-chave: Música, Elza Soares, Interseccionalidade, Projeto Cultural.



## **ABSTRACT**

The present undergraduate thesis is a proposition of a concert to be performed at Fundação Progresso, a cultural center and music venue located at the central region of the city of Rio de Janeiro. Titled 'Andressa Mandarinino - a song of resistance', it honors the Brazilian singer Elza Soares, among other featured national and international black musicians. The research used as basis for this thesis focused on analyzing Soares' artistic trajectory and personal life, highlighting personal difficulties of a social nature. From an intersectional perspective, it takes into account her social markers of gender, race and economical class. The main theoretical references utilized on this analysis come from the contributions of the social activists and authors Angela Davis and Sueli Carneiro.

Keywords: Music, Elza Soares, Intersectionality, Cultural Project

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	11
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>PARTE I - “Até o fim eu vou cantar, eu quero cantar”</b> .....	14
1. Elza Soares, “a mulher do fim do mundo” .....	15
2. Elza Soares: os atravessamentos de gênero, raça e classe .....	18
3. Música como vetor de mudança .....	22
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	26
<b>PARTE II - ‘Andressa Mandarinó – um canto de resistência’</b> .....	28
1. Apresentação .....	29
2. Objetivos .....	30
3. Justificativa .....	31
4. Público-alvo .....	32
5. Equipe do projeto .....	33
6. Etapas de trabalho .....	35
7. Cronograma de atividades .....	38
8. Orçamento .....	40
9. Plano de divulgação .....	43
10. Plano de distribuição e comercialização .....	44
11. Plano de contrapartida .....	45
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Capa do álbum A Mulher do Fim do Mundo (2015) .....	16
---	----

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso não se extingue na sua proposição projetual, nem se esgota como recurso teórico na sua finalidade acadêmica. O presente trabalho de conclusão de curso é, como toda forma de existir como mulher negra e suburbana na sociedade contemporânea, um ato político. Um manifesto que se faz necessário o uso da primeira pessoa em alguns momentos como forma de gritar - mais do que ressaltar - que essa luta também é minha. É mais do que uma homenagem projetual a umas das personalidades mais incríveis da música brasileira, a cantora Elza Soares; é também uma forma de reconhecer a sua trajetória de vida como símbolo do que a mulher negra vive e sofre no Brasil.

Ao longo de sua carreira Elza Soares sempre teve seu sucesso e prestígio deslegitimado por várias questões, e para mim, é um absurdo uma cantora tão fantástica, com uma história tão única, ser diminuída dessa forma. Me lembro bem que uma das primeiras vezes que tive contato com seu trabalho ainda pairavam fortemente sobre ela os rótulos de “destruidoras de lares” e de “mulher que acabou com a carreira do Garrincha”. Tentativas escusas de apagamento de sua história incrível. Certamente se tivermos que reduzir a sua genialidade a um rótulo, teremos que recorrer ao rótulo que ela mesmo se dá: “a mulher do fim do mundo”.

O presente trabalho tem como objetivo a partir da análise da trajetória artística e a vida pessoal da cantora Elza Soares de entender como uma artista tão talentosa conseguiu transformar tantos problemas pessoais em música, e como, a partir da música, ela conseguiu ressignificar sua luta. Os aspectos metodológicos do trabalho se basearam numa pesquisa bibliográfica e uma elaboração teórica a partir dos conceitos de interseccionalidade e da música enquanto espaço de representação e campo de disputa simbólica.

Na primeira seção intitulada de “Elza Soares, a mulher do fim do mundo” eu faço um apanhado breve e geral da história da cantora dando os contornos para entendermos a sua importância para a música nacional, bem como as questões que atravessaram sua vida e sua carreira, desde a sua origem pobre, passando pelo seu turbulento relacionamento com o Garrincha, até o seu último álbum lançado em 2015.

Na segunda seção eu aprofundo a análise pensando a interseccionalidade das relações presentes na trajetória da cantora. Através da sua história de vida, perpassada sempre pelo machismo e pelo racismo, faço um esforço de mostrar como seus marcadores sociais de gênero, de raça e de classe, foram usados para diminuí-la como artista – da mesma forma que são utilizados para hierarquizar toda a sociedade e produzir desigualdade.

Na terceira e última seção desta primeira parte abordo, de maneira breve, a importância social da música, como uma instância de representação, um espaço de disputa simbólica pelos signos e significados na sociedade, e como um potente campo identitário, que agrega pessoas, em especial aquelas que estão sub-representadas pelas narrativas e discursos hegemônicos.

Na segunda parte do presente trabalho desenvolverei melhor a proposição projetual do espetáculo intitulado 'Andressa Mandarinino - um canto de resistência'. Uma apresentação musical onde emprestarei, com todo orgulho, a minha voz para prestar uma bela homenagem a uma das maiores intérpretes da música brasileira, a cantora Elza Soares, além de outras referências da música negra nacionais e internacionais.

**PARTE I**

***“Até o fim eu vou cantar, eu quero cantar”***

## 1. Elza Soares, “a mulher do fim do mundo”

Falar da história de vida da Elza Soares é ao mesmo tempo falar da história de muitas mulheres no Brasil. É falar da forte desigualdade no nosso país, falar dos processos de marginalização das camadas populares, falar do racismo e do apagamento da mulher negra, é falar do machismo e da violência doméstica na qual muitas estão submetidas. A música de Elza Soares se torna algo tão mais potente quando compreendemos sobre qual realidade ela versa.

Nascida e criada em ambiente hostil, obrigada a casar-se aos 12 anos de idade e desde já manter papel de mulher de família, em todos os sentidos, oprimida. Lutou com a realidade da perda de quatro dos seus sete filhos, dois inclusive por desnutrição, os quais não chegaram nem a ter nome. Entretanto, o período mais difícil de sua vida foi o relacionamento conturbado que manteve com o ex-jogador de futebol Manuel Francisco dos Santos, conhecido popularmente/mundialmente por Mané Garrincha, com o qual manteve relação conjugal por 16 anos, alcoólatra à época, o que lhe acarretou um ambiente machista e de violência doméstica. As dificuldades começaram concomitante ao relacionamento, tendo em vista que Elza fora intitulada “destruidora de lares” em razão de envolver-se com Garrincha enquanto ainda casado, o que lhe causou retaliações fortes por parte da sociedade. Assim como o fato de envolver-se com um jogador de futebol lhe atribuiu “má fama”, com o discurso de que o relacionamento traria mal desempenho do jogador. Entre dificuldades e retaliações, certamente, geraram efeitos em suas músicas. (VERAS, 2017, p. 4)

De infância muito humilde Elza “era quem descobria em que quartel estavam dando restos de comida, roupas e cobertores para agasalhar” a sua família. Ela “não se envergonhava da pobreza”, mas “sair do morro” virou uma obsessão com o tempo. (LOUZEIRO, 1997). A música entra de vez na sua vida quando aos 15 anos, após ver seu primeiro filho muito doente e o seu segundo filho morrer de fome, ela decide se inscrever no programa *Calouros em Desfile*, da Rádio Tupi. Para ela essa era a oportunidade de mudar seu destino, pois ou daria “certo como cantora ou assumiria o papel de mendiga” (LOUZEIRO, 1997). Ao entrar no auditório para se apresentar a plateia zombou de sua roupa, emprestada por sua mãe e bem maior do que seu tamanho. Quando ela começou a cantar *Lama*, de Paulo Marques e Alice Chaves, rapidamente o público percebeu que não se tratava de uma cantora qualquer.

Ela respondeu com a mesma alegria e pôs-se a cantar, botando na voz toda a sua força interior, suas angústias, sonhos e esperanças. Muitos espectadores puseram-se de pé para aplaudi-la. Ary se impressionou com seu dinamismo e potência vocal. Chegou à segunda parte da letra com redobrado vigor. Decidiu, também, exibir seu lado de atriz, da menina que pedia esmola nas calçadas da

Central chorando para conseguir os trocados da passagem. (LOUZEIRO, 1999, p. 47)

Após começar a se destacar na música Elza se tornou *crooner*<sup>1</sup> da Orquestra Garam de Bailes, do maestro Joaquim Naegli. Segundo José Louzeiro (1997) sofreu racismo pois “os músicos não a queriam, porque era negra”. O racismo sempre fez parte da sua vida, tendo o sofrido inúmeras vezes. Uma delas foi ainda no colégio onde estudava no Méier, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, quando durante uma discussão em aula foi chamada, em tom de insulto, de negra. Porém “em vez da coleguinha ser punida, quem teve a carteira colocada na última fila foi Elza” (LOUZEIRO, 1997).

Esses primeiros passos já dariam o tom de como sua carreira seria repleta de preconceitos, e como a todo momento Elza teria que se provar como cantora e artista, bem como ela transformaria as conturbações de sua trajetória em uma identidade musical única. Este é um dos motivos pelo qual esse projeto presta homenagem a ela, como cantora e como mulher, por toda a sua importância como artista e como pessoa, para a música e no campo das lutas sociais.

Segundo Louzeiro (1997) a “canção adquirida na orquestra aproximou Elza dos malabarismos vocais. Imitava outros cantores e os próprios instrumentos musicais, além de movimentar-se no palco como nenhuma intérprete da época conseguia fazer”, e assim “alcançou o sucesso com seu primeiro compacto *Se Acaso Você Chegasse* de Lupicínio Rodrigues em 1960” (COLOMBIANO, 2017)

Seu segundo disco foi em 1961 intitulado de *A Bossa Negra* e logo após as gravações deste álbum, Elza foi chamada para ser representante do Brasil na Copa do Mundo de 1962 no Chile, onde viajou junto com a seleção de futebol brasileira, sendo possível seu encontro com o Mané Garrincha, com quem teve uma relação de 17 anos completamente conturbada, o mais opressor para sua carreira, envolvendo questões como violência doméstica e machismo (COLOMBIANO, 2017, p. 20-21).

O envolvimento de Elza com Garrincha não foi danoso somente para a vida da cantora como também prejudicou muito sua carreira pois ela foi perseguida por ter afastado Garrincha da família, culpabilizada pela decadência da carreira do jogador, e simplesmente parou sua carreira entre as décadas de 60 e 70 para tentar “curá-lo do alcoolismo (LOUZEIRO, 1997). Certa vez, como José Louzeiro (1997) relata, após

---

<sup>1</sup> Cantor ou cantora de música popular que canta com orquestra ou conjunto musical.



negar dinheiro para sustentar o vício do já quase ex-atleta, Garrincha desferiu um soco em seu rosto, “quebrando-lhe alguns dentes”. Trabalharemos melhor a questão do machismo e do racismo que atravessaram a vida da Elza Soares mais a frente, na segunda seção desta primeira parte.

Segundo Júlia Lyra (2017) uma das principais características da Elza Soares é a forma como ela conseguiu adaptar-se artisticamente aos contextos, traduzindo em música tantas questões pessoais e sociais que a atravessaram ao longo de sua carreira.

A cantora do milênio, cuja carreira acumula mais de 60 anos, foi, sobretudo, resiliente ao longo de sua vida. Lidou com uma série de dificuldades e preconceitos no âmbito pessoal, o que, conseqüentemente, gerou efeitos em sua música. Elza consagrou-se como artista ao firmar sua discografia no nicho do samba, interpretando músicas de um repertório bastante conhecido no Brasil – o qual era praticamente limitado pelo samba de raiz e pela bossa tradicional. Entretanto, seu último disco, lançado em 2015, é composto por faixas inéditas, bastante contemporâneas e politizadas, tendo como principais temas a violência contra a mulher, a negritude, a degradação das pessoas em face da urbanização caótica, entre outros (VERAS, 2017, p. 4).

O álbum “A Mulher do Fim do Mundo”, lançado em 2015, é o primeiro disco em 60 anos de carreira apenas com músicas inéditas, possuindo uma sonoridade própria e bastante diferente das anteriores ao mesclar rock, samba, eletrônica e rap, com letras repletas de críticas sócias, em um processo, muitas vezes, quase que autobiográfico. Pode-se dizer que é um álbum catártico para todos que, como eu, sempre admiraram o trabalho artístico da cantora. Em entrevista Elza diz que a “mulher do fim do mundo” no qual ela se refere é “aquela que busca, aquela que grita, que reivindica, que fica de pé, é essa mulher. No fim, eu sou essa mulher!”.<sup>2</sup> Esse relato nos mostra o quanto de Elza está nesse álbum e o quanto ele é importante para ela, quase como coroando toda uma carreira que sempre foi deslegitimada através do racismo. Como a própria cantora expõe em seu álbum “eu já tive vontade de parar, era tão fácil para outras pessoas e para mim era tudo tão difícil, depois que fui notar que minha carne era negra” (SOARES, 2015).

---

<sup>2</sup> MARTINELLI, A. Elza Soares fala sobre feminismo, o amor por Garrincha e como cantar ainda é “remédio bom”. HuffPost Brasil. 06 de novembro de 2015. Disponível em <[http://www.huffpostbrasil.com/2015/11/06/elza-soares-fala-sobre-feminismo-o-amor-por-garrincha-e-comoca\\_a\\_21692598/](http://www.huffpostbrasil.com/2015/11/06/elza-soares-fala-sobre-feminismo-o-amor-por-garrincha-e-comoca_a_21692598/)> Acesso em: 07/04/2018.



**Figura 1** – Capa do álbum *A Mulher do Fim do Mundo* (2015)

“A Mulher do Fim do Mundo” foi aclamado pela crítica e multipremiado. Indicado ao Grammy Latino como Melhor Álbum de Música Popular Brasileira e Melhor Canção em Língua Portuguesa, com *Maria da Vila Matilde*, acabou vencendo na categoria de melhor álbum. Parte do que compõe a potência das letras de cada uma das 11 músicas presentes no álbum é a própria história da cantora.

Essa é a história de Elza Soares que, ao longo dos últimos cinquenta anos, vêm acumulando informações e construindo seu próprio “produto cultural”. Neste, por trás da sua mera aparência metafórica se esconde a história de uma mulher real, que lutou – e continua lutando – com sua maior arma, sua voz particular, idiossincrática, para romper o silêncio, o esquecimento e a indiferença que a vida em sociedade impõe, quando não se faz parte de seus estratos mais abastados, ou seja, quando não se transita com facilidade nas estruturas sociais de poder de uma dada sociedade (LOPES, 2010, p. 3).

Nesta primeira seção introduzimos quem é Elza Soares ao apresentarmos um pouco da sua história – e como essa história é representativa para o contexto atual de lutas sociais, onde muitas mulheres ainda hoje sofrem tudo que ela sofreu ao longo de sua vida e sua carreira. A seguir destrincharemos melhor a interseccionalidade das relações presentes na trajetória da cantora.

## **2. Elza Soares: os atravessamentos de gênero, raça e classe**

Para entendermos melhor como se estrutura as relações de poder que compõem a interseccionalidade precisamos refletir sobre a “multiplicidade de diferenciações que, articulando-se [...], permeiam o social” (PISCITELLI, 2008, p. 263). A interseccionalidade pode ser entendida como sendo os “modos como os marcadores sociais da diferença [...] interagem, contextual e conjunturalmente, de modo a promover

potenciais cenários de desigualdades sociais e hierarquização” (HENNING, 2015, p 100). Ao observarmos a trajetória da Elza Soares percebemos que três marcadores sociais se destacam de maneira mais evidente: a classe, a raça e o gênero. Porém, dentro do que a própria interseccionalidade se propõe como conceito, não podemos trabalhar esses marcadores em separado, ou dar mais importância a um em detrimento de outro. Como Angela Davis nos mostra é a sobreposição desses marcadores que importa:

As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.<sup>3</sup>

Para Stuart Hall (2003, p. 66) raça é “uma construção política e social”, uma “categoria discursiva” que “organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão”. Em outras palavras é um conceito inventado para hierarquizar as pessoas e justificar toda forma de violência e opressão contra os negros e as negras, ao longo de toda história, principalmente durante a escravidão. Como expõe Sueli Carneiro (2011):

Uma das heranças da escravidão foi o racismo científico do século XIX, que dotou de suposta cientificidade a divisão da humanidade em raças e estabeleceu hierarquia entre elas, conferindo-lhes estatuto de superioridade ou inferioridade naturais. Dessas ideias decorreram e se reproduzem as conhecidas desigualdades sociais que vêm sendo amplamente divulgadas nos últimos anos no Brasil (CARNEIRO, 2011).

Desta forma, como Sueli Carneiro (2011) apresenta, podemos perceber que as desigualdades sociais no Brasil estão diretamente correlacionadas ao período da escravidão, sendo então indissociáveis as relações que atravessam classe e raça no nosso país. Foram 338 anos de escravidão<sup>4</sup>, processo no qual os negros e negras foram subjugados, marginalizados, violentados, silenciados, e tiveram seus direitos negados, principalmente os de propriedade e autodeterminação. Parte desse processo ainda faz parte da nossa sociedade através de um racismo estrutural que nos

---

<sup>3</sup> Artigo publicado no portal Geledés - Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopiaangela-davis/>>. Acesso em: 07/04/2018.

<sup>4</sup> Período que vai de 1550 até 1888.

acompanha mesmo com o término da escravidão. Sobretudo quando percebemos que a pobreza e a violência ainda afetam principalmente os negros e as negras. Porém é preciso que, dentro da abordagem interseccional que estamos fazendo, saibamos diferenciar a opressão que homens negros sofrem da opressão que as mulheres negras sofrem. Pois um dos marcadores mais relevantes dentro desse processo de desigualdades sociais é a questão do gênero, que, como Angela Davis (1982) nos mostra, até dentro do contexto da escravidão diferenciava as violências sofridas pelos homens das sofridas pelas mulheres negras:

Onde o trabalho era considerado, força e produtividade debaixo do tratamento da ameaça do chicote e do sexo. Neste sentido, a opressão para as mulheres era idêntica à opressão para os homens. Mas as mulheres também sofreram de maneiras diferentes, porque eram vítimas de abuso sexual e outras barbaridades de maus tratos que apenas podem ser infligidas às mulheres. Os comportamentos dos donos de escravos para as mulheres escravas eram: quando era rentável explorá-las como se fossem homens, sendo observadas, com efeito, sem distinção de gênero, mas quando elas podiam ser exploradas, castigadas e reprimidas em formas ajustadas apenas às mulheres, elas eram fechadas dentro do seu papel exclusivo de mulheres (DAVIS, 1982, p. 11).

As relações de gênero, raça e classe, se imbricam de tal forma na vida e na obra de Elza Soares que em sua trajetória cada uma delas assume um papel de destaque em certo momento, sem nunca se afastar das demais. É impossível pensar a realidade pobre de sua infância sem relacionar isso com as questões de raça, da mesma forma que é impossível desassociar todo o racismo que ela sofreu das questões de gênero, bem como só é possível compreender o machismo que tentou diminuir sua história olhando para os atravessamentos de classe que a marcaram desde sua origem. Por isso que a abordagem interseccional se faz necessária para analisarmos a importância da Elza na música e sociedade, como um símbolo de representatividade da realidade de muitas mulheres negras e pobres.

No álbum “A Mulher do Fim do Mundo”, já citado anteriormente, a sua música ganha um tom político mais forte – como quem realmente quer colocar para fora tantos anos de opressão. Talvez não houvesse um contexto tão propício para isso do que o atual, onde no campo das disputas por igualdades sociais e de direitos seu trabalho encontra ressonância. Com este trabalho Elza se torna um símbolo bastante representativo do feminismo, em especial do feminismo negro. Cecilia Sardenberg (2012) define o feminismo como sendo um:

Processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. É destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas (SARDENBERG, 2012, p.2).

O feminismo pode ser entendido como um processo de luta por igualdade, social e de direitos, entre homens e mulheres, agindo principalmente contra a ordem social patriarcal que há anos produz desigualdade entre os gêneros. Desta forma o machismo, tal como é definido por Raquel Gutierrez (1985), é “uma postura reacionária que, em escala social, ideológica e cultural, pretende perpetuar – nem sempre conscientemente – o *status quo* patriarcal” (p. 118). De fato, o machismo é comum a todas as mulheres, porém a forma de vivenciar esta opressão muitas vezes expõem desigualdades dentro do próprio movimento.

O feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade (CARNEIRO, 2003. p. 118).

Dentro da perspectiva interseccional que tomamos como base até agora precisamos tencionar os atravessamentos dos marcadores sociais que compõem os sistemas de produção de desigualdade. Só assim poderemos tentar compreender o lugar que a mulher negra ocupa, social e simbolicamente, na sociedade contemporânea, e qual a importância do feminismo negro na luta por igualdade – de gênero e de raça. Como expõe Sueli Carneiro (2003), a mulher negra teve que “enegrecer” a agenda do movimento feminista, que durante muito tempo negligenciou a realidade social da mulher negra – por exemplo, enquanto muitas mulheres brancas lutavam pelo direito de trabalhar, a mulher negra já tinha sua mão de obra explorada desde os tempos da escravidão. Como também teve que “sexualizar” a agenda do movimento negro, expondo a desigualdade de gênero e contradições internas que, ao longo de muito tempo, afastou e silenciou a perspectiva da mulher negra dentro desse campo de disputa.

Quando retomamos o olhar para a trajetória de Elza Soares percebemos como cada um desses marcadores sociais a afetou nos mais diversos momentos de sua vida e de sua carreira. Um dos principais casos, e que já fora citado anteriormente, é sua

relação com o jogador de futebol Garrincha, onde o machismo pode ser encontrado de diversas formas. Desde as agressões que ela sofria, tanto físicas quanto psicológicas, até a forma como a sociedade a culpou pelo fim da carreira do atleta. Em grande parte, não importava a genialidade musical de Elza Soares, e o desejo de ajudar Garrincha com o alcoolismo, a culpada por tudo sempre era a da cantora. Como Ivone Gebara (2001) coloca, a “sociedade patriarcal” estabeleceu uma “hierarquia de culpa, que é classista, racista e sexista”, e justamente essa hierarquia que forçou uma narrativa que condenou Elza ao longo de anos. Felizmente na atualidade muitas mulheres vêm narrando suas próprias histórias, cantando suas vidas e versando sobre as diversas formas de opressão que elas vivenciam.

O enfrentamento à violência contra a mulher é uma das temáticas mais vocalizadas por estas artistas negras, que denunciam os abusos que vivenciaram ao longo de suas vidas de forma mais ou menos direta. A proximidade entre os versos que cantam e suas biografias é evidente, acionando histórias de domínio público sobre suas vidas pessoais que até recentemente eram percebidas como motivo de vergonha e humilhação (DOS SANTOS e BRASIL, 2017, p. 6).

Pensar a música como uma força política, um agente de mudança social e de disputa simbólica na nossa cultura é um dos motivos de escolha deste tema e desta cantora. Como visto quando relatada a sua história, Elza Soares encontrou na música uma forma de mudar seu destino, da mesma forma que em sua voz a música encontrou uma representante de grupos menos representados e marginalizados. Essa representatividade, cada vez mais buscada e disputada atualmente, encontrou na trajetória de Elza o que é ser uma mulher negra periférica, e o peso social que cada um desses marcadores sociais representa. Em sua música outras iguais a ela puderam repensar suas vidas e confrontar sua realidade.

### **3. Música como vetor de mudança**

Ao longo desta primeira parte falamos da Elza Soares e como sua vida é representativa de uma realidade comum a tantas mulheres negras e pobres no Brasil. Neste terceiro trecho e tópico final desta primeira parte nos concentraremos brevemente em analisar a questão da música e sua importância social.

Como nos mostra Jusamara Souza (2004, p.8), Anne-Marie Green (1987) avaliava que “a presença da música em nossa vida cotidiana é tão importante que podemos considerá-la como um fato social a ser estudado”. Desta forma, para estudá-la, devemos tê-la “como uma comunicação sensorial, simbólica e afetiva que pode, muitas vezes, estar subjacente à nossa consciência” (GREEN, 1987, p. 91). Podemos também considerá-la como “um dos processos sociais através dos quais as pessoas criam e participam em relações sociais de diversos tipos” (ARAUJO et al., 2008, p. 20). É um meio de “veiculação de ideais, de expressão pessoal, social e emocional” que tem um enorme potencial de fomentar a aprendizagem, compartilhar saberes, reflexões e convicções (VERAS, 2017, p. 3). Podemos então considerar a música mais que uma linguagem artística ou forma de se expressar. Ela é um dos meios por onde a disputa simbólica ocorre, e por onde parte da conformação do mundo se dá.

Desta forma o vetor de mudança aqui proposto tem uma dupla função, mesmo que se insira dentro de uma mesma perspectiva de representação. A primeira função é voltada ao ensino da música como mecanismo de sociabilidade cultural que pode auxiliar os sujeitos a romper barreiras socioeconômicas – como no caso da própria Elza Soares. Cada vez mais ONGs e grupos se empenham no ensino da música em áreas marginalizadas, fomentando não somente o conhecimento musical como também uma outra perspectiva de vida. É importante reconhecer o potencial dessas ações também no que diz respeito a representatividade pois esses sujeitos não aprendem somente um instrumento, uma técnica de canto, ou a teoria musical. Abre-se para eles a possibilidades deles comporem e contarem a própria vida, sendo sujeitos da própria narrativa, tal qual Elza Soares fez.

Este empoderamento através da música compõe principalmente a segunda função que estamos propondo aqui: a da disputa de discursos, de símbolos, de significados, inerentes as relações culturais. Uma estrutura de trocas onde a música expressa valores, da mesma forma que os fomentam e os ressignificam na sociedade. Desta forma a música é sempre um discurso político pois, como expressa Mikhail Bakhtin (2006, p. 96), “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas concernentes à vida”.

A música passa ser uma instância de representação bastante potente na sociedade, principalmente quando passa a fazer frente aos discursos já estabelecidos e representando grupos sub-representados. Nesta perspectiva se torna ainda mais importante a obra e a trajetória da Elza Soares, principalmente seus desdobramentos na sociedade.

Uma multidão tomou conta das ruas e se apertou para assisti-la. Havia uma grande quantidade de jovens, aparentando ter entre dezoito e vinte e cinco anos. Entre eles, meninos usando maquiagem e vestido, meninas com a cabeça raspada, casais homossexuais, jovens negros usando *black powers*, nada de cabelos alisados. (PRADO, 2016, p. 64)

Este breve relato da Bruna Prado (2016) se refere ao show de Elza na Virada Cultural de São Paulo de 2016. Ele nos ajuda a perceber que a cantora, com seus 60 anos de carreira, encontra um novo público bem mais jovem. Além de perpassar em sua música diretamente as questões que envolvem as mulheres, em especial as mulheres negras, seu trabalho encontra ressonância também na comunidade LGBTQ+. Para Ana Livia Veras (2017) o álbum “A mulher do fim do mundo” representa um “marco social”:

Enfim, referido projeto “A mulher do fim do mundo” não caracteriza apenas um progresso artístico na carreira de Elza, mas representa também um marco social, na questão de que os movimentos sociais estão sendo discutidos por todas as classes, idades e gêneros. As músicas do álbum transcendem entre assuntos delicados em sons distorcidos, brincando com a melodia, mas vigorando seu posicionamento, sendo uma ferramenta de denúncia explícita da situação opressora e estigmatizadora em que ainda vivem as mulheres. Essa mulher do fim dos tempos está cada vez mais incisiva, enfrentando cada canção como se fosse a última, se reinventando e reconhecendo a cada produção, mantendo ‘a voz arranhada’ que rasgou gerações. (VERAS, 2017, p. 64)

Como podemos ver a música representa um campo identitário potente, que agrega pessoas, em especial aquelas que estão sub-representadas pelas narrativas e discursos hegemônicos. Como exposto ela é um campo em disputa, ao passo que também é um meio onde a disputa se reverbera e se extrapola. Através da música é possível não somente contestar como construir novas perspectivas, não somente confrontar como propor novos caminhos. Quando Elza Soares deu voz a sua própria trajetória em suas músicas ela não somente a representou. Ela foi o ponto de intercessão de múltiplas e diversas trajetórias, que ao conhecerem sua história de vida conseguiram se reconhecer um pouco nos percalços e nas opressões que ela sofreu ao longo dos anos.



Mesmo que, como todo espaço de disputa simbólica, a música seja um caminho tortuoso para propor mudanças sociais, ela não deve ser desconsiderada como tal. É um importante vetor de mudança, um espaço a ser ocupado por mais cantores e cantoras negras, não somente para que eles evidenciem suas realidades, mas principalmente que exerçam o direito de se expor e de pensar a partir de suas próprias perspectivas. Quanto mais narrativas puderem ser encontradas na música mais essa linguagem ocupará um espaço singular nas nossas vidas, fomentando a alteridade, e de fato construindo menos desigualdade – seja ela simbólica, social ou econômica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao conhecermos a história de Elza Soares é impossível negar o quanto essa mulher lutou pelo reconhecimento de seu talento como cantora. Sofrendo o racismo e o machismo desde sua infância, ela também foi vítima da forte desigualdade social que ainda é bastante comum em nosso país, sem nunca se envergonhar de sua origem pobre. Como já citado, ou ela faria sucesso como cantora “ou assumiria o papel de mendiga” (LOUZEIRO, 1997), e foi justamente nesse ponto que seu talento, algo único, fez com que sua perspectiva de vida mudasse. Porém ao longo de sua carreira Elza teve que se provar diversas vezes, e em quase todas elas sua raça, seu gênero, e sua origem periférica, foram utilizadas para diminuir seu trabalho. Se podemos conceber um símbolo de empoderamento feminino negro na música brasileira certamente será ela, que fez de seus marcadores sociais e de sua fantástica história de vida, matéria prima de sua música, conseguindo atravessar gerações para nos mostrar o quanto essas questões, muitas vividas diretamente por ela, ainda precisam ser discutidas, denunciadas e mitigadas.

Hoje sua música encontra cada vez mais ressonância, principalmente em um público mais jovem. Público esse que ao longo de muito tempo teve que se contentar em ter sua história contada por outros, geralmente por aqueles que dentro da hierarquia social constituída representam o *status quo*. Representam os grupos detentores dos privilégios. Desta forma, sua voz rasgou inúmeras barreiras, sociais e econômicas, e conquistou admiradores, dentro e fora do Brasil. Principalmente, sua música se tornou uma forma de disputa, de representatividade, e de produção de sentido, a partir de uma perspectiva mais que legítima. O de uma mulher negra e talentosíssima. Tendo a música como uma importância instância da nossa cultura, a intenção do presente trabalho nesta primeira parte foi ressaltar o valor da obra de Elza Soares para a sociedade, não só no campo musical, pois é quase impossível desassociar sua vida de seu trabalho artístico.

Mesmo que se faça necessário trabalhar a representatividade de Elza Soares no ambiente acadêmico, que cada vez mais ingressam mulheres e homens negros de origens periféricas, é no palco que conseguimos contemplar toda a beleza e a potência de seu trabalho. Desta forma esta primeira parte serviu de base de estudo para

conhecermos melhor a trajetória da cantora e todos os atravessamentos que compuseram sua história, para que possamos, na segunda parte, conceber uma proposição projetual mais rica, e que aborde de maneira mais completa as questões que flutuam ao redor de sua trajetória e acerca de sua obra.

**PARTE II**  
**Proposição Projetual**

**Andressa Mandarino – um canto de resistência**

## 1. APRESENTAÇÃO

O espetáculo 'Andressa Mandarin - um canto de resistência' é uma apresentação musical onde a cantora emprestará sua voz para prestar uma bela homenagem a uma das maiores intérpretes da música brasileira, a cantora Elza Soares, além de outras referências da música negra nacionais e internacionais, tais como Alcione, Iza, Jovelina Pérola Negra, Jill Scott, Lauryn Hill, entre outras. O palco desse show, que tem duração prevista de 1 hora e 30 minutos, é o centro cultural e casa de espetáculos Fundação Progresso, localizado no bairro da Lapa, na região central da cidade do Rio de Janeiro. Previsto para o dia 31 de maio de 2019, às 20h, o espetáculo espera contar com 22 mil espectadores.

Convergindo música e forte conteúdo político o espetáculo visa ampliar os debates acerca do racismo e do machismo, em especial a partir da conscientização das questões que perpassam ser mulher e negra no Brasil. Por isso é tão importante reconhecer a trajetória de Elza Soares e sua contribuição para a música, visto que seus marcadores sociais de gênero, de raça e de classe, foram usados para desqualificá-la como artista ao longo de anos, da mesma forma que são utilizados para hierarquizar toda a nossa sociedade, produzindo violência e desigualdade. Pensando em auxiliar mulheres que tenham trajetórias ou que vivenciem situações como as da vida de Elza, toda a receita da bilheteria do espetáculo será revertida para organizações de apoio e amparo a mulheres, em especial mulheres negras em situação de vulnerabilidade.

Outra parte muito importante do projeto está na capacitação através de oficinas gratuitas de canto para alunos de instituições de ensino público, ressaltando o poder transformador que a música tem, principalmente em permitir meninos e meninas em situação de vulnerabilidade projetarem novos sonhos, fomentando uma nova perspectiva de vida – algo de suma importância para repensarmos nossos problemas sociais.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

- Sensibilizar o público para a questão da violência contra a mulher; contra os negros e as negras no Brasil e para o combate à discriminação e o preconceito, bem como outras formas de racismo e/ou violência relacionados a gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Valorizar a identidade negra e abordar a partir disso a produção musical da Elza Soares.

### **2.2. Objetivos Específicos**

- Realizar apresentação para 22 mil pessoas na Fundação Progresso;
- Realização de cinco oficinas gratuitas sobre técnicas de canto para alunos de instituições de ensino público. Cada oficina terá capacidade para 20 alunos, sendo beneficiados 100 alunos no total.
- Estimular o surgimento de novos talentos da música nacional;
- Promover os expoentes da música negra;
- Promover a democratização do acesso a espetáculos musicais na cidade através de valores de ingresso acessíveis.

### 3. JUSTIFICATIVA

A proposta do espetáculo é ampliar os debates acerca das diversas formas de violência contra as mulheres, tendo foco principalmente na questão da violência doméstica, que tanto vitima famílias no Brasil. Bem como as violências contra os negros e negras, tão latentes e antigas na nossa sociedade. Para isso o espetáculo investe na música como uma instância de representação, um espaço de disputa simbólica pelos signos e significados na sociedade, e como um potente campo identitário, que agrega pessoas, em especial aquelas que estão sub-representadas pelas narrativas e discursos hegemônicos.

Para isso o espetáculo traz como norte a obra e a vida de Elza Soares, como um importante símbolo dessa luta por representatividade e contra as diversas formas de opressão que mulher negras estão submetidas no Brasil, bem como as que mulheres e homens negros também vivenciam. Desta forma o espetáculo é um convite para repensarmos as questões de gênero, raça e classe, que são tão importantes na nossa cidade. Principalmente no momento atual onde uma das vozes mais representativas desta disputa na cidade do Rio de Janeiro foi ceifada da câmara dos vereadores com a execução da Marielle Franco. Por isso o título da apresentação traz a ideia de resistência, dos marginalizados, dos excluídos, das maiorias diminuídas politicamente. Propondo através da música uma outra perspectiva, um novo caminho, um outro olhar para o futuro.

A proposta então não se extingue na música, mas faz dela vetor de transformação agregando pessoas e convergindo ideias de mudança social, por uma sociedade mais justa e menos desigual. Desta forma compõe como parte do projeto a realização de cinco oficinas gratuitas sobre técnicas de canto para alunos de instituições de ensino público, beneficiando cerca de 100 alunos no total, e também o repasse total da bilheteria para organizações de apoio a mulheres, em especial mulheres negras em situação de vulnerabilidade.

#### **4. PÚBLICO-ALVO**

**Estimativa de público:** 22 mil pessoas na Fundação Progresso

**Perfil do público:**

- Homens e mulheres negras;
- Com idade entre 16 e 45 anos;
- Pertencente às classes C, D e E;
- Residentes na cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana da cidade.



## 5. EQUIPE DO PROJETO

Equipe do projeto 'Andressa Mandarinino – um canto de resistência'		
ATIVIDADE	FUNÇÃO	QUANT.
Reserva do local para os ensaios	Assistente de Produção	1
Acompanhamento dos ensaios e da apresentação		
Reservas do hotel para músicos(as) e cantora		
Reserva/confirmação do local de apresentação		
Contratação de transporte para deslocamento da equipe e equipamentos	Produção	1
Contratação de serviço de iluminação		
Contratação de serviço de som		
Contratação de montagem e desmontagem		
Seleção do repertório musical	Direção Musical	1
Planejamento dos ensaios		
Acompanhamento e preparação dos músicos		
Planejamento da apresentação	Direção Artística	1
Realização da apresentação	Cantora	1
Preparação vocal	Fonoaudiólogo(a)	1
Planejamento dos figurinos na apresentação	Figurinista	1
Preparação do cabelo da cantora para a apresentação	Cabeleireiro(a)	2
Maquiar a cantora para a apresentação	Maquiador(a)	2
Maquiar os músicos para a apresentação		
Realização dos ensaios	Músico(a) - Baterista	1
Realização da apresentação		
Realização dos ensaios	Músico(a) - Guitarrista	1
Realização da apresentação		

Realização dos ensaios	Músico(a) - Baixista	1
Realização da apresentação		
Realização dos ensaios	Músico(a) - Saxofonista	1
Realização da apresentação		
Realização dos ensaios	Músico(a) - Tecladista	1
Realização da apresentação		
Criação da identidade visual do projeto	Designer	1
Criação das peças gráficas de divulgação		
Divulgação do projeto na mídia	Assessoria de Comunicação	1
Divulgação do convite virtual ao mailing list		
Atualização do site e das redes sociais		
Montagem do clipping sobre o projeto		
Registro fotográfico	Fotógrafo(a)	1
Pagamento aos fornecedores e prestadores de serviço	Coordenador(a) Administrativo-financeiro	1
Acompanhamento do projeto		
Contabilidade do projeto	Contador(a)	1
Total de integrantes da equipe		21

## 6. ETAPAS DE TRABALHO

Janeiro/19	Fevereiro/19	Março/19	Abril/19	Maió/19	Junho/19
Pré-produção				Produção	
Administração e acompanhamento físico-financeiro					
			Divulgação/Comercialização		

### 6.1. Pré-produção – Quatro meses (de 2 de janeiro a 30 de abril de 2019).

- Busca por patrocinadores e apoiadores para o projeto;
- Contratação de assistente de produção;
- Seleção do repertório musical;
- Planejamento e realização dos ensaios;
- Reserva do local de apresentação;
- Reserva do hotel para músicos(as) e cantora;
- Contratação de transporte para deslocamento da equipe e equipamentos;
- Contratação de serviço de iluminação;
- Contratação de serviço de som;
- Planejamento da apresentação;
- Preparação vocal;

### 6.2. Produção – Um mês (de 1 de maio a 31 de maio de 2019)

- Locação de equipamento de som;
- Locação de equipamento de luz;
- Realização da apresentação;
- Realização do registro fotográfico dos concertos;
- Realização do registro integral em vídeo dos concertos;

- Planejamento dos figurinos na apresentação;
- Preparação do cabelo dos(as) músicos(as) e da cantora para a apresentação;
- Maquiar os(as) músicos(as) e a cantora para a apresentação;
- Contratar serviço de catering;
- Compra de toalhas brancas;
- Compra de copo d'água de 200ml;
- Serviço de hospedagem para a equipe;
- Contratação de montagem e desmontagem;

**6.3. Divulgação/Comercialização** – Três meses (de 1 de março a 31 de maio de 2019)

- Criação da identidade visual do projeto;
- Elaboração dos textos de divulgação e promoção do projeto;
- Revisão dos textos;
- Criação das peças de divulgação e promoção do projeto;
- Impressão das folders;
- Impressão dos cartazes;
- Confecção de banners;
- Divulgação do projeto em sites, blogs e redes sociais e mídias impressas;
- Divulgação do convite virtual ao mailing list;
- Distribuição dos cartazes, banners e folders em instituições culturais e pontos de relevante circulação na cidade do Rio de Janeiro;
- Organização de clipping do projeto.
- Inserção de spots de rádio;
- Inserção de anúncios em jornais;

**6.4. Administração e acompanhamento** – Seis meses (de 2 de janeiro a 30 de junho de 2019)

- Execução financeira (pagamento dos serviços prestados pelos fornecedores, prestadores de serviço e pessoal da equipe, bem como dos impostos devidos);
- Acompanhamento e gestão do projeto (físico e financeiro);
- Pagamento do INSS;
- Pagamento dos direitos autorais junto ao Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD);
- Prestação de contas;
- Elaboração do relatório final.

## 7. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Etapa/Atividade	2019					
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
<b>Pré-produção</b>	●	●	●	●		
Busca por patrocinadores e apoiadores para o projeto	●	●				
Contratação de assistente de produção	●					
Reserva do local de apresentação	●					
Planejamento e realização dos ensaios	●	●	●	●		
Reserva do hotel para músicos(as) e cantora	●					
Contratação de transporte para deslocamento da equipe e equipamentos		●				
Seleção do repertório musical		●				
Preparação vocal		●	●	●		
Planejamento da apresentação		●	●	●		
Contratação de serviço de som				●		
Contratação de serviço de iluminação				●		
<b>Divulgação/Comercialização</b>			●	●	●	
Locação de equipamento de som					●	
Locação de equipamento de luz					●	
Realização da apresentação					●	
Realização do registro fotográfico dos concertos					●	
Realização do registro integral em vídeo dos concertos;					●	
Planejamento dos figurinos na apresentação					●	
Preparação do cabelo dos(as) músicos(as) e da cantora para a apresentação					●	
Maquiar os(as) músicos(as) e a cantora para a apresentação					●	
Contratar serviço de catering					●	

Compra de toalhas brancas					●	
Compra de copo d'água de 200ml					●	
Serviço de hospedagem para a equipe					●	
Contratação de montagem e desmontagem					●	
<b>Administração e acompanhamento</b>			●	●	●	
Criação da identidade visual do projeto			●			
Elaboração dos textos de divulgação e promoção do projeto			●			
Revisão dos textos			●			
Criação das peças de divulgação e promoção do projeto			●			
Impressão das folders			●			
Impressão dos cartazes			●			
Confecção de banners			●			
Divulgação do projeto em sites, blogs e redes sociais e mídias impressas			●	●	●	
Divulgação do convite virtual ao mailing list			●	●	●	
Distribuição dos cartazes, banners e folders			●	●	●	
Organização de clipping do projeto			●	●	●	
Inserção de spots de rádio			●	●	●	
Inserção de anúncios em jornais			●	●	●	
<b>Administração e acompanhamento</b>	●	●	●	●	●	●
Execução financeira	●	●	●	●	●	●
Acompanhamento e gestão do projeto	●	●	●	●	●	●
Elaboração do relatório final					●	●
Pagamento do INSS					●	●
Pagamento do ECAD						●
Prestação de contas						●

## 8. ORÇAMENTO

DESCRIÇÃO	UNIDADE	QUANT.	OCOR.	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
<b>Pré-produção</b>					
Assistente de Produção	Semana	20	1	R\$ 1.016,44	R\$ 20.328,80
Produção	Mês	5	1	R\$ 6.000,00	R\$ 30.000,00
Estúdio para ensaio	Diária	12	1	R\$ 800,00	R\$ 9.600,00
<b>Subtotal</b>					R\$ 59.928,80
<b>Produção</b>					
Aluguel da Fundação Progresso	P/Apresentação	1	1	R\$ 100.000,00	R\$ 100.000,00
Direção Musical	Semana	12	1	R\$ 1.200,00	R\$ 14.400,00
Direção Artística	Semana	6	1	R\$ 1.200,00	R\$ 7.200,00
Cantora	P/Apresentação	1	1	R\$ 5.000,00	R\$ 20.000,00
Fonoaudiólogo(a)	Mês	2	1	R\$ 1.800,00	R\$ 3.600,00
Figurinista	Semana	2	1	R\$ 1.200,00	R\$ 2.400,00
Cabeleireiro(a)	Diária	1	2	R\$ 1.000,00	R\$ 2.000,00
Maquiador(a)	Diária	1	2	R\$ 800,00	R\$ 1.600,00
Músico(a) - Baterista	P/Apresentação	1	1	R\$ 6.000,00	R\$ 6.000,00
Músico(a) - Guitarrista	P/Apresentação	1	1	R\$ 6.000,00	R\$ 6.000,00
Músico(a) - Baixista	P/Apresentação	1	1	R\$ 6.000,00	R\$ 6.000,00
Músico(a) - Saxofonista	P/Apresentação	1	1	R\$ 6.000,00	R\$ 6.000,00
Músico(a) - Tecladista	P/Apresentação	1	1	R\$ 6.000,00	R\$ 6.000,00
Contratação de serviço de transporte	Mês	3	2	R\$ 3.000,00	R\$ 18.000,00
Contratação de serviço de iluminação	Serviço	1	1	R\$ 10.000,00	R\$ 10.000,00
Contratação de serviço de som	Serviço	1	1	R\$ 10.000,00	R\$ 10.000,00



Contratação de montagem e desmontagem	Serviço	1	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Hospedagem com café da manhã e com alimentação em hotel 3 estrelas, quarto individual, no centro	Diária	3	15	R\$ 250,00	R\$ 11.250,00
Copo d'água de 200ml	Unidade	320	1	R\$ 0,35	R\$ 112,00
Toalhas brancas	Unidade	30	1	R\$ 9,99	R\$ 299,70
Catering	Unidade	30	1	R\$ 15,44	R\$ 463,32
<b>Subtotal</b>					R\$ 235.861,70
<b>Divulgação/Comercialização</b>					
Fotógrafo(a)	Diária	4	1	R\$ 852,00	R\$ 3.408,00
Designer	Semana	4	1	3.021,00	R\$ 12.084,00
Assessoria de Comunicação	Mês	3	1	R\$ 852,00	R\$ 2.556,00
Cartaz	Unidade	500	1	R\$ 2,90	R\$ 1.450,00
Banner	Unidade	100	1	R\$ 19,90	R\$ 1.990,00
Folder	Unidade	5000	1	R\$ 0,45	R\$ 2.250,00
Evento em sites de redes Sociais	Impulsionar	1	1	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00
Publicações em sites de redes Sociais	Impulsionar	20	1	R\$ 500,00	R\$ 10.000,00
Spot de rádio	Inserção	10	1	R\$ 1.000,00	R\$ 10.000,00
Anúncio de jornal	Inserção	10	1	R\$ 1.000,00	R\$ 10.000,00
<b>Subtotal</b>					R\$ 75.738,00
<b>Administração e acompanhamento</b>					
Coordenador(a) Administrativo-financeiro	Semana	24	1	R\$ 1.149,23	R\$ 27.581,52
Contador(a)	Mês	1	1	R\$ 1.700,00	R\$ 1.700,00
<b>Subtotal</b>					R\$ 29.281,52
<b>Impostos/recolhimentos/seguros</b>					
ECAD*	Taxa	10%	1	R\$ 49.005,00	R\$ 49.005,00

INSS**	Taxa	20%	1	R\$ 35.771,66	R\$ 35.771,66
Seguro de vida da equipe	Serviço	1	1	R\$ 4.000,00	R\$ 4.000,00
<b>Subtotal</b>					R\$ 88.776,66
<b>Total</b>					R\$ 490.050,00

(\*) Porcentagem referente a 10% da renda bruta de acordo com as diretrizes do ECAD para cálculo de direitos autorais referentes à espetáculos musicais com música ao vivo.

(\*\*) O valor para a base de cálculo dos 20% do INSS apresentado no orçamento acima (R\$ 35.771,00) refere-se aos pagamentos de serviços prestados por pessoa física. Neste caso, os serviços do(a) assistente de produção, produtor(a), diretor(a) musical, diretor(a) artístico(a), cantora, fonoaudiólogo(a), figurinista, cabeleireiro(a), maquiador(a), músicos(as) (baterista, guitarrista, baixista, saxofonista e tecladista), fotógrafo(a), designer, assessor(a) de comunicação, coordenador(a) administrativo-financeiro e contador(a).

ETAPA	VALOR TOTAL	PORCENTAGEM
Pré-produção	R\$ 59.928,80	12,2%
Produção	R\$ 235.861,70	48,1%
Divulgação/Comercialização	R\$ 75.738,00	15,5%***
Administração e acompanhamento	R\$ 29.281,52	6,0%***
Impostos/recolhimentos/seguros	R\$ 88.776,66	18,1%
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 490.050,00</b>	<b>100,0%</b>

(\*\*\*) Estando o presente projeto de acordo com as diretrizes da Lei Rouanet (Lei nº 8.313 do dia 23 de dezembro de 1991) que define um teto de 15% do total do orçamento para as despesas com atividades de natureza administrativa e 20% para as despesas relativas à divulgação do projeto.

## 9. PLANO DE DIVULGAÇÃO

PEÇA DE DIVULGAÇÃO	FORMATO	QUANTIDADE	VEÍCULO DE DIVULGAÇÃO
Cartaz	A3, 42 x 29,7, papel couché 170g	500 unidades	Impressos
Banner	250 x 90 cm, lona	100 unidades	Impressos
Folder	A6 (10 x 15 cm), papel couché 115g	5000 unidades	Impressos
Convite eletrônico	Imagem digital (PNG)	2000 envios	Mídia eletrônica
Sites de redes sociais	Impulsionar evento no Facebook	1 evento	Mídia eletrônica
Sites de redes sociais	Impulsionar publicações no Facebook	10 publicações	Mídia eletrônica
Sites de redes sociais	Impulsionar publicações no Instagram	10 publicações	Mídia eletrônica
Spot de rádio	Spot de 30"	10 inserções	Mídia radiofônica
Anúncio de jornal	9 x 20 cm, 1x0 (p&b)	10 inserções	Mídia impressa

## 10. PLANO DE DISTRIBUIÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA				
	QUANT.	PERCENTUAL	DESTINO	
Patrocinadores	220	1,0%	Patrocinadores e apoiadores do projeto	
Divulgação	110	0,5%	Ações de divulgação do projeto	
<b>Total:</b>	330	1,5%		

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL				
	QUANT.	PERCENTUAL	PREÇO UNITÁRIO	RECEITA PREVISTA
Meia-entrada	8.800	40%*	R\$ 15,00	R\$ 132.000,00
Promocional	1.870	8,5%	R\$ 15,00	R\$ 28.050,00
Valor integral	11.000	50%	R\$ 30,00	R\$ 330.000,00
<b>Total:</b>	21.670	98,5%	-	R\$ 490.050,00
<b>TOTAL GERAL:</b>	22.000	100,0%		

(\*) Segundo o decreto nº 8.537 de 5 de outubro de 2015 que regulamenta a lei da meia-entrada (Lei nº 12.933/2013) e o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013), que garantem o acesso de estudantes, pessoas com deficiência e jovens de baixa renda, com idade entre 15 e 29 anos de família com renda mensal de até dois salários mínimos, inscrita no Cadastro Único, à meia-entrada em eventos culturais e esportivos em todo o território nacional. Sendo garantida em relação a 40% do total de ingressos disponíveis.

## **11. PLANO DE CONTRAPARTIDA**

### **11.1. Contrapartida de imagem**

- As marcas do patrocinador e dos parceiros entrarão em todas as peças gráficas físicas (cartaz, folder, banner) e digitais (sites de redes sociais, e-mails), e em todas as peças publicitárias (anúncios de jornal e de rádio) do projeto, bem como todo o apoio recebido para a realização do projeto será mencionado na vinheta de abertura do espetáculo e em entrevistas sobre o projeto.

### **11.2. Contrapartida social**

- Realização de cinco oficinas gratuitas sobre técnicas de canto para alunos de instituições de ensino público. Cada oficina terá capacidade para 20 alunos, sendo beneficiados 100 alunos no total.

- Valor promocional de meia-entrada para 1.870 pessoas que, no ato da compra do ingresso, doarem 1kg de comida não perecível.

- Todo o lucro da bilheteria será destina a organizações de apoio a mulheres, em especial mulheres negras em situação de vulnerabilidade, tais como: Criola<sup>5</sup>, Artemis<sup>6</sup>, Casa Abrigo Maria Haydée Pizarro Rojas e Casa Abrigo Lar da Mulher (ambas vinculadas ao Rio Mulher).

### **11.3. Contrapartida ambiental**

- Todo o material gráfico impresso será produzido em papel 100% reciclado.

- Após a apresentação haverá o recolhimento de todos os 100 banners produzidos para o espetáculo. Todo esse material será encaminhado a pontos de coleta seletiva para que seja feita a reciclagem.

### **11.4. Contrapartida negocial**

- Exibição de vídeo institucional dos patrocinadores antes do início da apresentação.

---

<sup>5</sup> Ver mais em: <<http://criola.org.br>>. Visto em: 20/07/2018.

<sup>6</sup> Ver mais em: <<https://www.artemis.org.br>> Visto em: 20/07/2018.

- Exibição de vídeo institucional dos patrocinadores quando faltarem três músicas para encerramento do espetáculo.

### 11.5. Plano de cotas e contrapartidas aos patrocinadores e apoiadores

VALOR DA COTA	Nº DE COTAS	CONTRAPARTIDAS
R\$ 200.000,00	2	Aplicação da marca em todas as peças de divulgação do projeto sob a chancela “patrocínio”
		Exibição de vídeo institucional do patrocinador antes do início da apresentação
		Exibição de vídeo institucional dos patrocinadores quando faltarem três músicas para encerramento do espetáculo
		Cessão de 110 ingressos do espetáculo ao patrocinador
R\$ 45.025,00	2	Aplicação da marca em todas as peças de divulgação do projeto sob a chancela “co-patrocínio”
		Exibição de vídeo institucional do patrocinador antes do início da apresentação

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Samuel; VAZ, Gaspar; CAMBRAIA, Vincenzo. Música em Debate – perspectivas interdisciplinares. Editora Mauad, Rio de Janeiro, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006

CARNEIRO, Sueli. Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil. Selo Negro Edições, 2011.

\_\_\_\_\_. Mulheres em Movimento. Estudos Avançados, São Paulo, v. 49, n. 17, p.117-132, 2003. Qudrimestral.

COLOMBIANO, Eduarda Cunha. “A mulher do fim do mundo”: Um estudo sobre os discursos sociais de Elza Soares a partir de sua trajetória. Niterói, 2017. 76f.. Monografia (Bacharelato em Produção Cultural) – Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense.

DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. Editora Boitempo. 1981.

GEBARA, Ivone. Cultura e Relações de Gênero. São Paulo:Cepis, 2001.

GREEN, Anne-Marie. Les comportements musicaux des adolescentes. Inharmoniques “Musiques, Identités”, v. 2, p. 88-102, 1987.

GUTIERREZ, Rachel. O feminismo é um humanismo - o sentido libertário da luta da mulher. São Paulo: Nobel, 1985.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Organização: Liv Sovik. Belo Horizonte, Editora UFMG, Brasília, UNESCO, 2003.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. In. Dossiê – Desigualdades e Interseccionalidades. Mediações, Londrina, V. 20, N. 2, P. 97-128, jul./dez., 2015.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, 7-11, mar. 2004.

LOPES, João Carlos. Da estética perturbadora ao que nos emociona: a performance vocal de Elza Soares. In. VI Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador - BA, 2017.

LOUZEIRO, José. Cantando para não enlouquecer. Editora Globo, 1997.

LYRA, Júlia Afonso. De Amélia a Maria da Vila Matilde: o empoderamento feminino através da MPB. In. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Fortaleza – CE, 2017.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiros. Sociedade e Cultura, v. 11, n. 2, jul./dez., 2008, p. 263-274.

PRADO, Bruna. Queiroz. Gritos femininos: performances das cantoras de MPB e suas significações políticas (anos 1960 e 2000). Música Popular em Revista, Campinas, ano 4, v. 2, p. 56-78, jan.-jun. 2016.

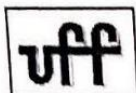
DOS SANTOS, Jaqueline Sant'ana Martins; BRASIL, Natasha Fernandes Mendes. “O grito tem que ser potente”: o feminismo negro de MC Carol e Karol Conka. In. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>> . Acessado em: 02/04/2018.

SOARES, Elza. A mulher do fim do mundo. Circus Produções, 2015. CD.

VERAS, Ana Livia Dias. A influência das músicas de Elza Soares no movimento feminista. In: Anais do VI Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais, João Pessoa - PB, 2017.





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

---

## AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

---

Niterói, 03/08/2018

Eu, **ANDRESSA DE MENEZES MANDARINO**, CPF 152.766.347-77, formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada **“Interseccionalidade e a música: Minha voz como resistência presta tributo a Elza Soares.”** defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

*Andressa de M. Mandarino*

---

**ANDRESSA DE MENEZES MANDARINO**